

O LATIM NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LETRAS

Miguel Eugenio Almeida (UEMS/UCG)
mealmeida_99@yahoo.com.br

Historia magistra vitae.

1. Considerações iniciais

Fazemos aqui uma reflexão tecendo algumas considerações a respeito da importância do estudo do latim para a formação do professor de letras. Para tanto, verificamos as posições dos latinistas apresentando elementos direcionados à formação da língua portuguesa, de modo especial, sob os seguintes aspectos: a fonética, a morfologia, a sintaxe e a lexicologia. Sob o aspecto externo do latim e do português, dialogamos com filólogos da língua portuguesa. Ainda, reportamo-nos filosoficamente tratando a questão do raciocínio aplicado na prática desse estudo de latim; e antropologicamente, buscamos na antropologia filosófica os elementos que elucidam a produção cultural humana, notoriamente, pela contribuição da literatura latina na formação do espírito humano inquisidor.

2. Para que estudar latim?

Eis a indagação que nos fazemos diante da língua latina. Esta língua tem somente uma importância diacrônica – mudanças internas -, para estudar as línguas neolatinas, ou há outras justificativas levando-nos a este estudo? Não devemos desconsiderar a história a língua portuguesa sem passar pela sua origem e formação. O latim, na origem do português, especialmente, apresenta o seu maior legado quer linguístico, quer cultural. Atentamos para o seguinte fato:

Ao mesmo tempo que estendiam os seus domínios, os romanos levavam para as regiões conquistadas os seus hábitos de vida, as suas instituições, os padrões de sua cultura. Em contato com outras terras, outras gentes e outras civilizações, ensinavam, mas também aprendiam. Aprenderam, por exemplo, muito com os gregos, e isso desde épocas antigas, através dos etruscos e, principalmente, das colônias helênicas do sul da Itália, que formavam a Magna Grécia. Lívio Andronico, o primeiro que tentou elevar à altura de língua poética aquele rude idioma de agricultores e pastores, que era então o latim, procurou diretamente em Homero e nos trágicos gregos os modelos para suas ex-

periências de tradução e adaptação literárias. Ele próprio era um grego de Taranto. E, na sua trilha, Plauto, Ênio, Névio e todos os que, pioneiramente, se impuseram a árdua tarefa de criar obras de arte na língua nacional não deixaram de inspirar-se nos estimulantes exemplos da Hélade, cuja influência vai ampliar-se mais ainda, a partir de 146 a. C., quando, vencida pelas armas, acabou dominando pelo espírito vencedor. (CUNHA, 1980, p. 12).

No caso, observamos que o latim enriquece a sua literatura com a presença dos grandes mestres gregos. Isso vem contribuir para a difusão da cultura grega para o domínio do Império Romano. Além dos gregos, cabe aos cristãos contribuindo com a produção de obras em latim. Diz-nos o estudioso da filologia portuguesa:

O cristianismo, sendo a maior revolução até agora produzida na humanidade, abrangeu todas as faces da vida humana, produzindo as suas consequências na língua latina, geralmente, aceita para veículo do seu culto. [...] Eles são também grandes testemunhos do latim falado nesses primeiros séculos da era cristã porque conservaram em seus escritos tais fenômenos idiomáticos. Como o cristianismo se apresentava diametralmente oposto ao paganismo, esses escritores timbravam em apresentar-se também diametralmente opostos aos escritores clássicos. Veremos então o bispo Comodiano que escreverá poesias com absoluto desprezo da métrica latina clássica, dando origem à métrica românica, baseada unicamente nas vogais tônicas e átonas. Veremos S. Jerônimo, que fora 'ciceroniano', traduzir a Bíblia num latim vulgaríssimo, muito diferente daquele quase clássico das suas 'Cartas' [etc.] (BUENO, 1946, p. 46-47).

Não podemos negar a importância do latim para a formação do professor de letras, principalmente; pois, conforme o filólogo:

Professor de português é ser professor de latim, posto que o português não é senão um momento do latim num determinado espaço. Pré-requisito fundamental para o professor 'filólogo' de português é o conhecimento profundo do latim. Árduo é o caminho para quem quiser conhecer o português a fundo, sem o latim. (BORTOLANZA, 2001, p. 01)

Desse modo, o latim, sem dúvida alguma, fundamenta teoricamente a base da formação do professor de letras, capacitando-o para uma prática docente mais eficaz; pois, conforme o quadro estatístico, 80% do léxico do português é oriundo do latim. Assim, o latim está efetivamente presente no léxico do português; além disso, observamos os demais elementos estruturais – morfossintaxe e sintaxe –, principalmente, perpetuando estruturalmente a gramática da língua portuguesa. Isso ocorre mediante o processo evolutivo alterando o sistema latino para transformar em outro sistema, a língua portuguesa, no caso; onde percebemos elementos desse idioma latino mantendo de uma forma ou de outra a sua continuidade e outros elementos sendo acrescentados e adaptados ao novo siste-

ma. Destarte, há ocorrências da língua que permanecem e há ocorrências da língua que se modificam, notoriamente.

Assim, além do conhecimento da língua portuguesa em si, o latim contribui eficazmente para o desenvolvimento do raciocínio, como nos observa o latinista:

Quando o aluno compreender quanta atenção exige o latim, quanto lhe prendem o espírito as várias formas flexionais latinas, a diversidade de ordem dos termos, a variedade de construções de um período, terá de sobejo visto a excelente cooperação, a real e insubstituível utilidade do latim na formação do seu espírito e a razão de ser o latim obrigatório nos países civilizados. (ALMEIDA, 2000, p. vii).

No caso, o exercício morfossintático do latim, sobremaneira, direciona o aprendiz para a compreensão lógica dessa língua, despertando-o, ainda, para a prática do raciocínio sobre todas as coisas, porque é possível, por meio das regras de declinação dos casos latinos, deduzirmos sistematicamente a compreensão da ideia completa da frase.

Destarte, verificamos mentalmente como operamos o raciocínio, de acordo com o seu conceito:

1. *O raciocínio, em geral, é a operação pela qual o espírito, de duas ou mais relações conhecidas, conclui uma outra relação que desta decorre logicamente. [...]*

O raciocínio é então uma passagem do conhecido para o desconhecido. (JOLIVET, 1961, p. 43).

Neste caso, por exemplo, temos a seguinte ocorrência: conhecido o sistema de regras das declinações do latim e da ordem dos termos – constituintes imediatos –, em uma relação sintagmática, aplicamos este sistema de regras quando procedemos à versão para a língua vernácula.

Constatamos, com Bortolanza (2001), a crise do português oriunda de uma prática de ensino deficiente de formação básica do latim; cabendo, então, a indagação:

[...] português seria uma língua mesma muito difícil? Atente-se para o nível de desempenho dos ingressantes no curso superior, os que encontramos nas ‘Comunicação e Expressão e/ou Técnicas de Redação’. [...]

Entendo, porém, que estamos a viver um refluxo. Aos poucos, estes questionamentos vêm aflorando. Óbvio, o latim está vivo, nascemos falando a língua do Lácio, e, mais óbvio, nunca de suas variantes consagradas, a língua portuguesa, está, por sua vez, abarcando, também, outras muitas variantes co-ocorrentes. Nossa língua, como toda língua, ‘é um rastro de velhos mistérios’, no dizer de Guimarães Rosa, é um produto histórico, cujas marcas hão de ser

perqueridas através dos tempos. O túnel do tempo, expressão consagrada por Tarallo, levar-nos-á aos mistérios tão indevassáveis, às raízes – qual a diferença entre radical e raiz? – às respostas a tantos porquês grotescamente dosados como regras e/ ou exceções gramaticais. Aí reside a diferença entre o ‘filólogo’ e o ‘gramatiquero’, ainda no dizer de Gladstone. (*Id., ibid.*, p. 02)

Portanto, percebemos a inferência da nuance diferenciando a postura teórica do “filólogo” e a do “gramatiquero”. Outrossim, indagamos: aonde nos encaixamos teoricamente, como professores de letras? Aonde fundamentamos as nossas práticas de ensino e de pesquisa, principalmente?

Assim, quem busca ter uma visão clássica e diacrônica da língua, está procurando os meandros norteadores dos elementos internos e estruturais da formação e evolução da língua. Os textos antigos, de diferentes épocas, – documentos textuais da história da língua – não só revelam os seus elementos estruturais internos, mas, ainda, os elementos externos dos fundamentos ideológicos das organizações sociais e culturais dos falantes na linha evolutiva do tempo, determinando a compreensão das regras de permanência e variação ocorrentes.

De outro modo, quem se fixa na ocorrência gramatical *em si*, desconsiderando os aspectos diacrônicos da língua, apresenta certamente dificuldades para interpretá-la (ocorrência dada), ou seja, apresentar uma descrição/explicação satisfatória dessa ocorrência.

Além de embasar os estudos da língua portuguesa, o latim facilita o aprendizado das línguas românicas; pois, “Para quem sabe o latim, o italiano, o espanhol, o português, o francês são já semifamiliares”. (MEILLET, *apud* VALENTE, 1952, p. 11). Entendemos as línguas românicas variando, a partir do mesmo lastro estrutural latino. Por isso, a compreensão das línguas românicas entre si verifica-se pela similitude lexical, morfossintática e sintática.

Entretanto, lamentamos a retirada do latim do ensino básico, há alguns anos atrás; pois, a ausência do mesmo dificulta a compreensão do vocabulário técnico-científico, jurídico e literário para a formação acadêmica do universitário e do pesquisador, em geral, dado que

A ciência jurídica baseia-se no direito romano. Estudar direito romano sem conhecer latim é absurdo.

A maioria dos termos da medicina e de todas as ciências naturais é de origem latina, e decorar esses termos sem lhes penetrar a força íntima, não é digno de ser racional, e muito menos de um cientista. (VALENTE, 1952, p. 12)

O entendimento desse vocabulário perpassa pela compreensão morfossintática das palavras. O profissional, que domina o seu vocabulário, torna-se profissionalmente mais competente para exercer a sua função, ou de acordo com o professor de português:

Admitindo aos cursos superiores moços não devidamente preparados em letras clássicas, seria criar não médicos, mas curandeiros, ainda que peritos; não juriconsultos, mas rúbulas; não engenheiros ou arquitetos, mas simples mestres de obras. (LAET, 1911, *apud* VALENTE, *op. cit.*, p. 13)

Observamos, no caso, a presença do latim constituindo uma constante para a formação do professor de letras empenhado para uma prática de ensino e pesquisa, porque pode suscitar um melhor desempenho profissional.

Portanto, o latim apresenta-se como uma língua estruturalmente organizada com muitas formas flexionais articuladas morfossintaticamente formando o período frasal.

Para tanto, o latim deve ser estudado, para desenvolver nos aprendizes a capacidade de análise, notoriamente, dos fatos ocorrentes nesse idioma, para, em seguida, relacioná-los com os fatos fundamentando a formação da língua lusitana, de modo especial. A este respeito, diz-nos o gramático do latim:

Não é para ser falado que o latim deve ser estudado. Para aguçá-lo seu intelecto, para tornar-se mais observador, para aperfeiçoar-se no poder da concentração de espírito, para obrigar-se a atenção, para desenvolver o espírito de análise, para acostumar-se à calma e à ponderação, qualidades imprescindíveis aos homens de ciência, é que o aluno estuda esse idioma. (ALMEIDA, *op. cit.*, p. viii).

Outro dado importante, no estudo do latim, é o texto literário, que enaltece, sem sombra de dúvida, a formação intelectual/cultural do aprendiz desse idioma, tornando-o mais perspicaz na análise da história cultural e, desse modo, procurando fazer as aproximações, principalmente, das ocorrências estéticas, em questão; ou melhor dizendo:

Para nós – [...] Augusto Magne – o que interessa no latim é sua literatura, sua virtude formadora do espírito. Desviar o estudo do latim para a especialização em questões de pronúncia reconstituída é desvirtuar aquela disciplina e tirar-lhe seu poder formador para recair no eruditismo balofo, pretensioso e estéril. (MAGNE, *apud* ALMEIDA, *ibidem*, p. xi).

Aprofundando um pouco mais sobre a questão da literatura do latim, verificamos que este idioma apresenta-nos os legados culturais direcionados à língua e a cultura portuguesa, de modo especial. Vejamos:

Além do valor estético das suas obras de arte, que se colocam entre as mais belas produções do espírito humano, a literatura latina oferece um interesse de primeira ordem. Seu caráter utilitário lhe imprime um quê de universalidade que a torna eminentemente própria à formação do espírito e a orientação da vida: Cícero, Sêneca, Tácito, Horácio etc., contêm muitos ensinamentos de grande proveito.

Para nós, que falamos o português, esta literatura é bem de raiz. Somos herdeiros dos Romanos: nossa língua, nossas leis, nossas instituições tiveram ali sua origem; nossa literatura – mormente depois do século XV – não se cansa de respigar nos escritores latinos. Estudar estes últimos é reviver com antepassados longínquos, um tanto graves, algo solenes talvez, mas, amiúde, encantadores; é como que ler o prefácio da nossa literatura nacional. (GALIDIE, 1948, p. 06).

Diante disso, verificamos que o homem, além do mais, se perpetua, na sua condição de ser, mediante as produções de suas obras culturais; e é por elas que ele se revela, mostrando, não somente os seus valores culturais, mas os valores ônticos, notoriamente. Pois, a este respeito, o antropólogo diz-nos: “[...] a cultura é uma pista importantíssima para descobrir o ser do homem.” (MONDIN, 1980, p. 189). Ou ainda, o homem é o reflexo da obra de sua invenção, manifestando um dos aspectos do seu ser: *homo faber*. Assim, visualizamos com a seguinte consideração:

A cultura manifesta, além disso, que o homem é dotado de uma Inteligência muito superior à dos animais, que é dotado de liberdade, de uma propensão para progredir sempre mais, de uma capacidade constante transcendimento de todas as posições já alcançadas. (*Idem, ibidem*).

No caso, o homem projeta-se infinitamente pela sua capacidade intelectual na construção de obras adicionando sempre mais elementos para sua história cultural, notoriamente.

Assim, após esta exposição, verificamos que o latim contribui substancialmente, não somente para a formação do professor de português, quando o prepara para o estudo diacrônico verificando a mudança interna ocorrente no português; mas, ainda, para aqueles interessados em apreender a língua neolatina na sua raiz – internamente – e, ainda, sob o aspecto externo da história cultural incluindo as obras da literatura clássica universal. Para os profissionais da área das *ciências formais* e das *ciências da natureza* e para os demais das *ciências hermenêuticas*, o latim contribui principalmente para desenvolver o raciocínio lógico e também para a compreensão das etimologias presentes nos vocabulários técnicos.

3. Considerações finais

A dimensão cultural marca notoriamente a presença do homem no espaço. É por ela, ainda, que ele transcende gradativamente e qualitativamente diante dos demais seres a sua volta. No caso do latim, constatamos, de modo particular, a grande contribuição dessa língua, para a formação do português quer sob o âmbito da fonética, quer da morfologia e quer da sintaxe. Já, no aspecto literário, o legado desse idioma está presente nas obras dos grandes clássicos da literatura universal mostrando as formas do belo na expressão da escrita do homem antigo e medieval da história universal.

Assim, o professor de letras, detendo na sua formação o conhecimento dessa língua clássica, torna-se habilitado ao trabalhar as questões internas e externas da língua portuguesa apontando a base linguística e histórica e cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, N. M. *Gramática latina: curso único e completo*. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- BORTOLANZA, J. *O professor de letras e a filologia*. Palestra proferida na Academia Brasileira de Filologia como sócio correspondente de Mato Grosso do Sul, a 31/08/2001.
- BUENO, S. *Estudos de filologia portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1946.
- CUNHA, C.F. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1980.
- GALIDIE, L. *Primeira seleta latina*. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo, 1948.
- JOLIVET, R. *Curso de filosofia*. Tradução de Eduardo Prado de Mendonça. 5. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1961.
- MONDIN, B. *O homem: quem é ele? Elementos de antropologia filosófica*. Trad.: R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulinas, 1980.
- VALENTE, M. *Ludus primus*. 56. ed. Porto Alegre: Livraria Selbach, [1952].